

Huet, Descartes e o Ceticismo

José R. Maia Neto¹

UFMG

I. INTRODUÇÃO

Pierre-Daniel Huet (1630-1721), ordenado padre aos 46 anos de idade e bispo nove anos depois, era conhecido em sua época como excepcional latinista, um dos principais eruditos do século e o mais importante crítico francês de Descartes e do cartesianismo.² Sua orientação filosófica cética não era pública. Somente o círculo mais próximo de amigos tinha conhecimento do manuscrito de sua obra especificamente epistemológica, *Veritas ab humana mente per rationem cognosci non potest*. Embora, como notado por Antoine Arnauld na ocasião, o ceticismo huetiano estivesse implícito nas duas obras filosóficas que publicou em vida, a *Censura Philosophiae Car-*

1 Agradeço ao CNPq pelo apoio financeiro, ao Departamento de Filosofia da UFMG por uma licença sabática, ao IEAT/UFMG pelo ano de residência acadêmica, à École Pratique des Hautes Études (EPHE), à Biblioteca Nacional da França (BNF), à Biblioteca Municipal de Caen e à Universidade de Caen pelo apoio para a realização da pesquisa sobre Huet em Paris e Caen. Agradeço também a Thomas Lennon, April Shelford, Gianni Paganini, Vincent Carraud, Giles Olivo e Jean-Robert Armogathe.

2 O principal crítico francês de Descartes no século XVII foi Pierre Gassendi, especialmente em suas réplicas às Respostas de Descartes às Quintas Objeções, publicadas em 1644, juntamente com as Quintas Objeções e Respostas, em sua *Disquisitio Metaphysica seu Dubitationes et Instantiae adversus Renati Cartesii Metaphysicam et Responsa*.

tesianae (1689) e as *Alnetanae Quaestiones de Concordia Rationis et Fidei* (1690),³ foi explicitado somente com a publicação póstuma do seu *Traité Philosophique de la Foiblesse de l'Esprit Humain* em 1723.⁴ O ceticismo do livro causou grande escândalo, suspeitando-se inclusive de sua autenticidade.⁵ Esta primeira recepção e a celebridade do autor na república das letras fizeram do *Traité* uma das obras mais influentes na grande polêmica que ocorreu em torno do ceticismo na primeira metade do século XVIII, influência só superada pela do *Dictionnaire Historique et Critique* de Bayle.⁶ A presença do ceticismo de Huet no século XVIII é visível ainda em Hume, embora já lateral.⁷ O bispo é conhecido hoje somente por especialistas nas áreas da patrística,⁸

3 Ver as cartas de Arnauld a Dorat de 1 de novembro de 1691 (carta 883) e a Du Vaucel de 1 de dezembro de 1692 (carta 847) in Arnauld 1775, vol. II, pp. 400-402 e III, p. 425.

4 O *Traité Philosophique* é a tradução francesa e revista pelo próprio Huet de sua obra epistemológica *Veritas ab humana mente per rationem cognosci non potest*. Há dois manuscritos desta última nos papéis de Huet na Biblioteca Nacional da França (referida doravante por BNF), em Paris. O mais antigo (BNF Lat 11443) data de cerca de 1685, ano em que este mesmo texto é comentado em cartas a Huet escritas pelos amigos Louis Le Valois, Charles de la Rue e Jean-Baptiste du Hamel (ver Rapetti 2003, respectivamente pp. 73-81, 81-85 e 172-196). Foi minha a descoberta que BNF Lat 11443 é uma primeira versão do *Traité philosophique*, originalmente concebido como o primeiro livro das *Alnetanae Quaestiones*, que incluiria também a crítica à filosofia cartesiana, além dos três livros que foram efetivamente publicados em 1690 (ver Maia Neto 2008a).

5 Sobre esta primeira recepção, ver Rapetti 1999, pp. 231-247.

6 Para esta polêmica e sua magnitude na produção intelectual em língua francesa (França e diáspora huguenote na Holanda, Bélgica e Suíça), ver Matytsin 2016. Pelo lado anticético, destaca-se o *Examen du Pyrronisme Ancien et Moderne* de Crousaz (1733). Das 2563 páginas da edição da Corpus (Fayard, 2004), 1819 são dedicadas à refutação de Bayle e 93 à de Huet (as demais refutam o ceticismo antigo).

7 Hume cita Huet nos *Dialogues Concerning Natural Religion* (1970, p. 16) e na *Carta de um cavalheiro a seu amigo em Edimburgo* (2007, p. 121). Aspectos do ceticismo do bispo podem ser apontados na seção XII (“Sobre a Filosofia Acadêmica ou Cética”) da *Investigação sobre o Entendimento Humano*. Em tese recentemente defendida, Campelo (2018) argumenta a favor de uma presença mais relevante do ceticismo de Huet no livro I do *Tratado da Natureza Humana*.

8 Sua edição e tradução para o latim do comentário de Orígenes sobre os evangelhos de João e Mateus foi uma obra de referência na área até o século XIX. Ver Rapetti 2012.

da história da literatura,⁹ da institucionalização da nova ciência,¹⁰ da vida intelectual dos salões parisienses (cf. Shelford 2007, pp. 77-113), da história de sua cidade natal,¹¹ e, no campo da filosofia, da história do cartesianismo e do ceticismo.¹²

O enorme sucesso de Descartes, alcançado ainda em vida,¹³ causou uma notável inflexão na tradição cética. Entre a segunda metade do século XVI e a publicação das *Meditationes* (1641) de Descartes as principais referências nos escritos simpatizantes e antipatizantes do ceticismo eram os *Essais* de Montaigne e a *Sagesse* de Charron. Essas duas obras, em continuidade com o ceticismo antigo, davam uma orientação principalmente prática à escola helenística, adaptando-a aos novos tempos marcados pela crise intelectual causada pela descoberta do Novo Mundo, pelas guerras de religião e pela crise do aristotelismo. O uso por Descartes de uma dúvida radicalizada para o alcance de fins especulativos, que punha em questão a existência das coisas materiais, inclusive do próprio corpo do filósofo, altera de forma decisiva os debates em torno do ceticismo. Especialmente por causa da inviabilidade prática desta dúvida mais radical, que não poderia faltar à discussão dos filósofos interessados no ceticismo, a tradição cética perde a orientação prática anterior e ganha contornos principalmente epistemológicos e metafísicos.¹⁴

9 Huet escreveu uma *Origine des Romans* (1670), obra de interesse no campo de estudos sobre o surgimento deste gênero literário, e um ensaio sobre tradução (*De interpretatione*, 1661). Sobre a relevância desse último, ver Delater 2002.

10 Huet fundou a primeira academia de física do interior da França. Ver Lux 1989.

11 *Les Origins de la Ville de Caen et des Lieux Circonvoisins*, que publicou em 1702, é uma obra de referência para os historiadores locais.

12 Sobre Huet na história do cartesianismo, ver Bouillier 1970, vol. I, cap. 28; Gueroult 1984, pp. 207-223; Belgioioso 1999, pp. 63-80; Borghero 2001; Schmaltz 2002, pp. 215-236; Lennon 2008; Maia Neto 2008b; e Charles 2014. O ceticismo de Huet é examinado por Malbreil 1994; Rapetti 1999, pp. 255-284; Popkin 2003, pp. 277-282; Lennon 2005; Maia Neto 2008a; e Hickson 2018.

13 Segundo Descartes, este sucesso se inicia mesmo antes de sua primeira publicação, o *Discours de la Méthode*, que teria como um dos objetivos se contrapor a versões da sua filosofia que já circulavam na república das letras. Ver Descartes 1996, vol. VI, p. 30. Todas as referências às obras originais de Descartes serão desta edição, referida por AT seguido dos números do volume e da página.

14 O ceticismo de Pascal exemplifica esta transição, reconstruindo a dúvida cética montaigniana com os cenários céticos cartesianos e assim modernizando e radicalizando a tradicional crítica que o cético não pode viver seu ceticismo, ver Pascal 2014, pp. 65-66.

Huet, figura longeva de grande importância na república das letras, é um ator e observador privilegiado desta guinada. Neste artigo apresento, em linhas gerais, suas relações pessoais e filosóficas com os principais filósofos franceses que apresentaram perspectivas céticas na segunda metade do século XVII.

Começo (seção II) com o jovem Huet, recém-graduado, frequentando as academias informais de *savants* em Paris no início dos anos 50 quando se torna amigo próximo de Gabriel Naudé e conhece os amigos desse último, o neopirrônico François de La Mothe Le Vayer e o neoepicurista Pierre Gassendi. Os três são os principais protagonistas do movimento intelectual da primeira metade do século XVII que René Pintard chamou de “libertinagem erudita”. A relação de Huet com os três será tratada nessa seção, especialmente com La Mothe Le Vayer, cujo ceticismo, elaborado entre os anos 30 e os 60, passa ao largo de Descartes e do incipiente cartesianismo.

A seção III examina, também em linhas gerais, a recepção por Huet da filosofia de Descartes e do cartesianismo. Esta recepção começa em 1648 ou 1649 com Huet ainda estudante na escola dos jesuítas em Caen, quando se encanta com os *Principes de la Philosophie* (na tradução francesa do abade Picot) e termina com sua polêmica com o líder do cartesianismo francês Pierre-Sylvain Régis suscitada pela publicação da *Censura* (1689) e concluída com a publicação em 1692, sob pseudônimo, de uma sátira ficcional que busca ridicularizar Descartes e seus seguidores, as *Nouveaux Mémoires pour Servir à l'Histoire du Cartésianisme*.

Enfim, na seção IV, examino as conexões pessoais (diretas e indiretas) e filosóficas de Huet com os outros dois céticos franceses do final do século XVII: Simon Foucher e Pierre Bayle. As perspectivas céticas do abade católico de Dijon e do calvinista exilado em Roterdã são, assim como a do próprio Huet, fortemente marcadas pela dúvida cartesiana. Sem embargo deste fundo comum, apontarei, brevemente, importantes diferenças entre os três ceticismos.

II. LIBERTINAGEM ERUDITA

“Libertinagem erudita” é o nome dado por René Pintard a um movimento intelectual bastante difuso que ele identifica em Paris na primeira metade do século XVII.¹⁵ Engloba *savants*

15 O título do livro, publicado originalmente em 1943, no qual define, caracteriza e examina as diversas

(filósofos, historiadores, literatos, etc.) com interesses e projetos bastante diversos, mas irmanados socialmente no interesse pela erudição, intercâmbio de informações e no livre debate, independente de eventual conflito entre o tema discutido e a ortodoxia religiosa.¹⁶ Os principais filósofos do grupo são Gabriel Naudé (1600-1653), François de La Mothe Le Vayer (1588-1672) e Pierre Gassendi (1592-1655). O primeiro foi o principal divulgador do pensamento de Maquiavel na França. Interessado sobretudo em filosofia política, examinou a superstição e a impostura religiosa como instrumentos de dominação.¹⁷ La Mothe Le Vayer tinha por projeto filosófico a reabilitação do pirronismo antigo e Gassendi a do epicurismo, filosofias helenísticas consideradas irreligiosas.¹⁸ Segundo Pintard, os três filósofos, inicialmente com Elie Diodati e posteriormente com Guy Patin, formavam a “tétrade”.¹⁹ O relato que o autor da *Libertinage Érudit* cita como mais revelador da natureza das discussões do grupo encontra-se em carta de Guy Patin a La Mothe Le Vayer de 30 de agosto de 1648.

O sr. Naudé ... amigo íntimo do sr. Gassendi, como é meu, nos convidou para jantar no próximo domingo em sua casa em Gentilly. Seremos só nós três e faremos a deboche [débâuche] ... mas filosófica; nós três, curados do lobisomem e liberados do mal dos escrupulos, tirano da consciência, iremos talvez até perto do santuário. (Cf. Pintard 1983, p. 326).

facetas do movimento é *Le Libertinage érudit dans la première moitié du XVIIIe siècle*. “Libertino” era, na época examinada por Pintard e mesmo antes, um termo de acusação direcionado por apologistas à autores de livros e manuscritos considerados heréticos e irreligiosos.

16 Limito-me a resumir a caracterização feita por Pintard, ultrapassando os objetivos e escopo deste artigo a crítica tanto à pertinência de reunir autores tão diversos sob um mesmo movimento intelectual quanto à adequação em caracterizar os seus membros como, quando não críticos, indiferentes à religião.

17 A principal e mais influente obra filosófica de Naudé são as *Considérations Politiques sur les Coups d’État* (Roma, 1639).

18 Ver La Mothe Le Vayer 1759 e Gassendi 1658. O pirronismo era rejeitado por questionar qualquer verdade e principalmente aquelas, como a cristã, de difícil fundamentação racional. O epicurismo, sinônimo de ateísmo na tradição judaica, era rejeitado no meio cristão principalmente por negar a providência e a imaterialidade da alma. A fim de conciliar essas filosofias helenísticas com o cristianismo, La Mothe Le Vayer limita a época ao domínio natural e Gassendi cristianiza o epicurismo negando ou reformulando as doutrinas citadas.

19 “A Tétrade’, assim eles mesmos denominam sua associação, conscientes que o termo implica amizade profunda e estreita fidelidade” (Pintard 1983, p. 128). É minha a tradução dessa e das demais passagens de obras ainda não traduzidas para o português. Sobre a “substituição” de Diodati por Guy Patin, ver Pintard 1983, p. 325.

Paralelamente aos estudos feitos no colégio jesuíta de Caen, Huet associou-se e tornou-se discípulo secreto do grande erudito Samuel Bochart, uma das principais autoridades na época nos estudos bíblicos.²⁰ Graças a Bochart, Huet aprofundou as ferramentas da erudição que aprendia no colégio, aprendeu outras (especialmente o hebraico) e teve as portas abertas para as “academias” informais e a amizade dos principais eruditos da época. Um desses foi justamente Naudé, diretor da rica biblioteca do cardeal Mazarin, que Huet passou a frequentar assim que ficou livre para viajar com o término dos seus estudos colegiais em Caen (1651). Nas suas memórias, relata a amizade próxima que estabeleceu com Naudé que incluía visitas à famosa casa de campo de Gentilly.²¹ Com base nas memórias de Huet, Pintard descreve sua aproximação ao grupo, dando a entender que chega a ocupar o vértice da tétrede deixado vago com o afastamento de Guy Patin.

Compensando [o afastamento de Guy Patin] eis um novo recruta: Pierre-Daniel Huet. Recentemente chegado de Caen, galante, espiritual, erudito, amigo do prazer e da ciência, tão frequentador dos doutos como das damas, e a tal ponto “subjugado” ao “amor das letras” que esquece a sua religião. Um curioso, este jovem Huet. Consulta frequentemente Naudé sobre os livros, lê com paixão os *Dogmata theologica* de Petau e lhes dá tanto valor que em cada fraqueza que nota em algum argumento de Petau a favor de um dogma sente vacilar sua fé neste dogma. Pesquisador intrépido e despreocupado, que se exulta em suas primeiras descobertas, e em quem se desenvolve a flor de um ceticismo delicado à medida que empalidece a da sua fé. (Pintard 1983, p. 380).

Pintard alude a uma crise religiosa de Huet que coincide com sua convivência com os chamados “libertinos eruditos” mas que o bispo não atribui a ela, mas sim, como indica Pintard, à sua decepção com a defesa dos dogmas católicos feita pelo jesuíta Denis Petau, erudito que admirava (Huet 1718, p. 70). Não há base textual para sugerir vinculação entre a crise religiosa e o ceticismo

20 Os encontros com Bochart em Caen eram secretos porque o erudito era calvinista. Ver Huet 1718, pp. 42-43.

21 “Assim que cheguei a Paris não me associei a ninguém mais proximamente do que com Gabriel Naudé, cujo nome estimava principalmente pelos seus escritos que já conhecia. Era na época responsável pela biblioteca de Mazarin ... na França só inferior à Biblioteca Real” (Huet 1718, p. 68). Huet recorda que, juntamente com outro jovem estudioso, Petrus Lambecius, formaram sólida amizade. “Como nossa jovem devoção às letras o deleitava, convidava-nos com frequência à sua casa de campo” (Huet 1718, p. 69).

que se originou, como será apontado na seção III, na experiência de *diaphonia* na filosofia estudada no colégio. As evidências de uma inclinação cética de Huet na sua correspondência são posteriores a 1660 e uma utilização apologética do ceticismo – que comparo abaixo às referências neste sentido feitas por La Mothe Le Vayer – aparece somente em 1679 com a publicação de sua *Demonstratio Evangelica*, obra na qual Huet pretendia lograr o êxito apologético não alcançado por Petau.

Huet encontra-se novamente com Naudé em Estocolmo em 1652 (somente dois anos após o falecimento de Descartes nesta cidade), para onde foi acompanhando Bochart a convite da rainha Cristina. Naudé tinha ido pouco antes, levando parte da biblioteca de Mazarin adquirida por Cristina. Os dois retornaram juntos em meados de 1653 para a França, Naudé falecendo no trajeto (cf. Katz 1993, pp. 148-149). Gassendi já não residia em Paris quando Huet passa a frequentar a capital, encontrando-o ocasionalmente em alguma reunião da “academia” informal de Montmor, quando coincidia de ambos estarem em Paris (cf. Huet 1718, pp. 166-167).²² Huet simpatizava com o modelo de filosofia da ciência experimental adotado por Gassendi e retomou algumas de suas objeções à metafísica de Descartes na *Censura*.²³ Entretanto, o “libertino” filosoficamente mais relevante dos três para Huet é sem dúvida La Mothe Le Vayer, cujo projeto, como dito acima, era retomar o ceticismo antigo.

Na lista da biblioteca pessoal de Huet, que constitui um das principais acervos para a filosofia do período na Biblioteca Nacional da França, consta somente uma obra de La Mothe Le Vayer.²⁴ Há indício na correspondência de Huet com o amigo comum Gilles Ménage de uma relação pessoal em torno dos anos 60,²⁵ certamente restrita pela circunstância de Huet residir em Caen (embora indo com frequência a Paris).²⁶ Não há, entretanto, nenhuma carta de ou para La

22 Gassendi faleceu pouco depois, em 1655.

23 Especialmente na crítica à filosofia cartesiana da mente e às provas da existência de Deus (respectivamente, capítulos 3 e 4 da *Censura*).

24 Trata-se do *Petit Traité Sceptique sur cette commune façon de parler 'N' avoir pas le sens comun'* publicado em 1646. A relação consta no manuscrito in 4o. número 208 da Biblioteca Municipal de Caen.

25 Ménage diz a Huet em carta de 5 de novembro de 1661 que La Mothe Le Vayer lhe incumbiu de entregar-lhe sua recém-publicada *Prose Chagrine*. Este exemplar não consta da lista da biblioteca do bispo, embora haja um exemplar de uma edição posterior (1666) no acervo da Biblioteca Nacional com as armas de Huet—ref. BNF cote: Z-20023.

26 Uma curiosa coincidência na vida intelectual de ambos é o fato de Huet praticamente substituir La Mo-

Mothe Le Vayer na extensa correspondência de Huet, nem é ele citado em nenhuma obra do bispo.²⁷ Esta ausência é intrigante pois a proposta de um ceticismo “circuncidado” feita por La Mothe Le Vayer, um ceticismo que, como diz, não adentra o altar da fé cristã, de ordem sobrenatural, é obviamente relevante para Huet que em sua obra filosófica elaborada a partir de 1680 também busca compatibilizar o ceticismo antigo e a religião cristã. Evidência disto é a citação manuscrita de passagens do *Petit Traité Sceptique* de La Mothe le Vayer em seu exemplar pessoal interfoliado da *Demonstratio Evangelica*,²⁸ tendo em vista a segunda edição, mas que acabaram não sendo incorporadas ao livro (cf. Rapetti 1999, p. 59n).²⁹ O motivo provável da ausência de La Mothe Le Vayer da correspondência e sobretudo das obras de Huet era a reputação que o cético tinha de irreligioso, tanto o cético em geral como o cético “circuncidado” cristão La Mothe Le Vayer.³⁰

Sem embargo desta razão prudencial para não se associar, ou ao menos não tornar pública eventual associação, a La Mothe Le Vayer, do interesse de ambos pelo ceticismo antigo e da opinião compartilhada que o cristianismo é mais compatível com essa filosofia antiga do que com as demais,³¹ há razões intelectuais e filosóficas para o distanciamento. Em primeiro lugar, Huet era muito mais erudito do que La Mothe Le Vayer, notavelmente no que concerne a tradição judaico-cristã (além de também conhecer melhor as pagãs). Em segundo lugar, há uma notável diferença entre os projetos que impacta a maneira de ambos articularem ceticismo e religião.

the Le Vayer na educação da família real. Huet torna-se sub-preceptor do filho de Louis XIV, o Delfin Louis de France, em 1670, dois anos antes do falecimento e dez depois da aposentadoria de La Mothe Le Vayer do cargo de preceptor do irmão do rei (e durante algum tempo, do próprio Louis XIV).

27 Esta ausência é especialmente notável nas memórias nas quais Huet faz questão de elencar o número impressionante de eruditos e filósofos com quem se relacionou ao longo de sua vida.

28 Publicada em 1679, trata-se de obra apologética erudita (à maneira da patrística grega) adaptada à moda moderna do *more geometrico*.

29 Huet cita duas passagens do *Petit Traité Sceptique*, sendo a mais relevante uma na qual La Mothe Le Vayer afirma que, “entre todas as famílias filosóficas antigas é o ceticismo a que mais facilmente se acomoda ao cristianismo” (La Mothe Le Vayer 2003, p. 96). A tese é endossada por Huet no prefácio da *Demonstratio* mas desenvolvida somente em sua obras filosóficas elaboradas na década de 1680.

30 A reputação irreligiosa de La Mothe Le Vayer é citada por Bayle 1969, vol. XIV, pp. 286-289 e respondida pelo editor das obras completas de Le Vayer 1759, vol. I, p. 16/45.

31 Na suposição, negada por Pintard e pela maioria dos estudiosos de La Mothe Le Vayer, que a crença do “libertino” na compatibilidade entre ceticismo e cristianismo era sincera.

O de La Mothe Le Vayer era, como assinalado, adaptar o ceticismo antigo à sua época, o que crucialmente exigia compatibilizá-lo com a fé cristã. Quando La Mothe Le Vayer defende o valor apologético do ceticismo,³² o que efetivamente busca é eliminar, ou ao menos diminuir, a rejeição dessa filosofia no meio cristão, argumentando ser ela menos nociva para a fé do que o aristotelismo por exemplo. Se o aristotelismo pode ser “circuncidado” com a reforma de algumas doutrinas, por que o ceticismo também não poderia com a exclusão da revelação cristã do escopo da *epochè*?³³ Feita esta “correção”, o ceticismo continua a ter, senão a mesma, uma finalidade prática semelhante à do pirronismo antigo (cf. Giocanti 2001). Já o ceticismo de Huet busca mostrar a certeza menor da razão comparativamente à da fé que ele busca estabelecer historicamente na *Demonstratio Evangelica* e na *Concordia Rationis et Fidei*. Neste ponto uma aparente semelhança de método de fato expressa esta diferença de propósitos. A contraposição erudita de costumes e crenças religiosas que ambos fazem tem fins contrários. La Mothe Le Vayer busca mostrar a dimensão fática cultural comum às diversas religiões: que todas têm os seus mistérios, milagres e profecias, argumentando, à maneira do décimo modo de Sexto, a equipolência de dogmas e ritos (cf. Sexto Empírico 1994, I. 145-163 e La Mothe Le Vayer 2014, pp. 49-97). Huet, na esteira dos padres gregos fundadores, busca mostrar semelhanças entre diferentes religiões para argumentar a precedência histórica dos mitos judaicos que as religiões pagãs, inclusive as recentemente descobertas nas américas, mimetizam em seus mitos (cf. Rapetti 1999, pp. 205-206).

III. DESCARTES E O CARTESIANISMO

Sabe-se que ao escrever os *Principia Philosophiae* Descartes tinha em mente uma obra didática a ser usada no ensino da filosofia nas escolas e universidades em substituição aos comentários escolásticos peripatéticos. Sabe-se também que o cartesianismo sofreu grande resistência dos jesuítas que dominavam as escolas nos países católicos.³⁴ Menos conhecido é o interesse

32 A ideia é que o ceticismo prepara o terreno para a recepção da fé ao eliminar as crenças simplesmente humanas que constituem obstáculo para esta recepção, notavelmente doutrinas filosóficas em conflito com os dogmas da fé.

33 Contra este argumento de paridade, ver Paganini 1997.

34 Descartes ficou bastante decepcionado com a acrimônia das Sétimas Objeções feitas pelo jesuíta Bourdin às suas *Meditationes*. Ver sua carta ao Provincial dos jesuítas na França, o padre Dinet (ATVII 563-603).

pela filosofia cartesiana por parte dos discentes dessas escolas já na ocasião da publicação dos *Principia*. Huet testemunha este interesse quando era aluno do colégio jesuíta em Caen, relatando o fascínio com que leu, em 1648 ou 1649, quando estava justamente cursando as disciplinas filosóficas, a tradução francesa dos *Principia* publicada em 1647. Foi uma iniciativa própria pois o livro de Descartes ainda estava longe de ser incluído nas bibliografias das disciplinas filosóficas das escolas e universidades francesas, embora já começasse a penetrar nas holandesas.³⁵ O que mais impressionou o jovem Huet foi a clareza dos princípios da física cartesiana, em contraste aos da física aristotélica, assim como a clareza da dedução dos fenômenos naturais a partir destes princípios.³⁶ Além dos estudos eruditos, entre 1650 e 1670 Huet realizou pesquisas científicas, especialmente anatômicas. Enquanto participava, em suas viagens a Paris, das discussões científicas nos *cabinets* de Montmor e dos irmãos Du Puy, estabelecia em Caen uma academia de física. Sem chegar a ser cartesiano, foi neste período um admirador da física cartesiana, considerando-a como uma das mais plausíveis já propostas.³⁷ Posteriormente Huet muda de foco da física para a metafísica cartesiana e considera que o *cogito* não é capaz de superar a dúvida que o próprio Descartes introduz,³⁸ como princípio de sua filosofia, rejeitando assim todo o edifício.³⁹

35 Sobre o início do cartesianismo em universidades holandesas, ver Verbeek 1992.

36 “É difícil dizer quanta admiração este novo método de filosofar causou na minha alma juvenil, ainda ignorante das antigas escolas filosóficas, quando de princípios os mais simples e claros vi brotar tantas maravilhas, todas as coisas da natureza encaixadas na fábrica do mundo” (Huet 1718, p. 96).

37 Em carta do erudito Isaac Vossius, que Huet conheceu na Suécia, a Huet de 14 de agosto de 1659, o primeiro reclama das críticas que recebeu de Huet por haver criticado a teoria cartesiana sobre a luz e assinala aspectos da filosofia de Descartes que serão objeto de crítica de Huet na *Censura*, especialmente o desprezo pela história e pela erudição (“Correspondance de Huet”, manuscrito BNF (n. a. f.) 620, fol. 47). Ao longo dos anos 60 Huet se decepciona com Descartes e assinala em carta a Rapin de 1666 o plano de futuramente refuta-lo (cf Shelford 2007, p. 134).

38 O título da primeira seção do primeiro capítulo da *Censura* é “O fundamento da filosofia cartesiana é a dúvida” (Huet 1690, p. 11). Huet leu o artigo 7 da Primeira Parte dos *Principes*: “Que nous ne sçaurions douter sans estre, & que cela est la premiere connoissance certaine qu’on peut acquerir” (AT IX, Principes, p. 27). Descartes, pela boca de Eudoxo, é ainda mais explícito na *Recherche de la Vérité*, texto só publicado após a morte de Huet: “Desta dúvida universal [*hac enim uniuersali ex dubitatione*], como de um ponto fixo e imóvel, quero derivar o conhecimento de Deus, de você mesmo, e de todas as coisas que existem no mundo” (AT X 515). O estatuto da dúvida na filosofia cartesiana foi um dos principais objetos da polêmica entre Huet e Régis. Ver Lennon 2008, pp. 122-130.

39 “Por muitos anos me devotei a um intenso estudo das escolas cartesianas, especialmente por ver sérios

Sem embargo de ter sido o principal crítico francês de Descartes no final do século XVII, o impacto do autor dos *Principia Philosophiae* no ceticismo huetiano foi decisivo e definitivo. No *Traité philosophique*, descreve sua trajetória filosófica do colégio ao ceticismo.⁴⁰ A trajetória mimetiza a do próprio Descartes conforme este último a descreve nas três primeiras partes do *Discours de la Méthode*, que também começa com uma crise cética num colégio jesuíta,⁴¹ passa pelo ceticismo e termina com a fundação do cartesianismo. Para Huet, o ceticismo mesmo, tal como reconstruído por Descartes na Primeira Meditação, precisa ser o ponto final da jornada filosófica, pois inviabiliza qualquer construção filosófica ulterior que pretenda certeza metafísica. Descartes afirma no início da Segunda Meditação que prosseguirá “até conhecer algo certo, ou na falta de outra coisa, que pelo menos reconheça como certo que nada há que seja certo” (Descartes 2004, p. 43; ATVII 24). O principal alvo da *Censura* é a certeza do *cogito*. Huet busca assim mostrar que o cartesianismo consistente é o que resulta na segunda opção apontada por Descartes. O *Traité Philosophique* e a *Censura*, formavam, na primeira versão manuscrita dessas duas obras, os dois primeiros livros das *Quaestiones Alnetanae de Concordia Rationis et Fidei*.⁴² No projeto maior de Huet, a demonstração da incerteza filosófica prepara o terreno para a defesa da certeza da fé.

doutos alemães e holandeses fascinados por esta filosofia, e assim errei longamente neste delírio até que a maturidade e um exame amplo da doutrina a partir dos seus fundamentos me fez repeli-la, pois verifiquei com argumentos os mais certos que era uma estrutura frágil, vacilante desde seu fundamento” (Huet 1718, p. 96). Na *Censura*, obra onde examina os fundamentos do cartesianismo, Huet aponta como uma virtude da filosofia natural cartesiana a simplicidade e clareza dos seus poucos princípios dos quais deriva uma doutrina “especiosa” [*speciosus doctrinae*] (Huet 1690, p. 164), ou seja, dotada de uma plausibilidade capaz de enganar jovens inexperientes como ele quando ainda estudante.

40 No *Traité*, que além de ser publicado postumamente deveria, de acordo com o desejo não respeitado do bispo, ser publicado sob pseudônimo, esta trajetória é atribuída a um provençal. Mas o manuscrito latino que descobri entre os papéis de Huet na Bibliothèque National, bem anterior à versão francesa publicada, é escrito em primeira pessoa, de modo que a filosofia apresentada no *Traité* como sendo do provençal é de fato do próprio Huet.

41 Descartes estudou no colégio jesuíta de La Flèche entre 1606 e 1614.

42 Publicada em 1690 com somente os três últimos livros da obra original, a saber, *Lex Concordiae Rationis & Fidei*, *Dogmatum Christianorum & Ethnorum comparatio* e *Praeceptorum Christianorum & Ethnorum ad vitam pie recteque instituendam pertinentium comparatio*.

Huet começa relatando que o estudo da filosofia no colégio, ao contrário de proporcionar-lhe, como esperava, a descoberta da verdade, fez-lhe somente ciente de se encontrar “mergulhado em trevas espessas de uma ignorância invencível” por causa da *diaphonia* doutrinal dos filósofos no campo peripatético ensinado nas escolas,⁴³ e da metodologia de ensino estruturada em “debates dos quais não via o fim” (Huet 2017, p. 184).⁴⁴ Esta *diaphonia* levou Huet a concluir a necessidade de “uma vez na vida [*une bonne fois*] a reter a crença e a suspender o juízo”, para que cada um em disputa, “despojando-se de seus preconceitos, [iniciasse] um exame sério e novo dos dogmas pelos quais pareciam tão tenazes” (Huet 2017, p. 185). Como se sabe, é essa dúvida geral que viabiliza a reconstrução filosófica cartesiana. E, com efeito, é a essa filosofia que Huet adere ao ler os *Principes* no final dos seus estudos escolares. Antecipando o que escreverá mais tarde nas suas memórias, diz que a doutrina de Descartes “me agradou bastante, pois me pareceu que, fundada sobre um pequeno número de princípios muito simples, penetrava nas causas primeiras por uma via fácil e clara” (Huet 2017, p. 185). Entretanto, Huet relata nova decepção: ao invés de eliminar a *diaphonia*, como prometia, a filosofia cartesiana se viu não só em disputa com outras (aristotélicas e gassendista) como ceifada por “facções” no seu interior, com certeza uma referência às controvérsias entre Arnauld, Malebranche, Régis e Desgabets. Huet busca então uma alternativa na filosofia platônica que porém não o satisfaz porque buscava neste momento “fundamentos sólidos da verdade” e nela não encontrou “nenhum princípio certo e determinado”, nenhum encadeamento lógico entre princípios e fenômenos, mas ao contrário, argumentos pró e contra incapazes de “fixar o espírito em partido algum.”⁴⁵ Decepcionado inicialmente com Aristóteles, depois com Descartes e em fim com Platão, Huet descobre outras filosofias antigas através das *Vitis et dogmatis clarorum philosophorum* de Diógenes Laércio.⁴⁶ Das

43 “[F]icava ainda mais espantado que uma única seita, a desse filósofo [Aristóteles], tivesse podido produzir uma tão grande diversidade de opiniões entre os gregos, os árabes e os latinos; entre os antigos e os modernos” (Huet 2017, pp. 184-185).

44 Falando da filosofia que estudou em La Flèche, Descartes diz que “nela não se encontra ainda uma só coisa sobre a qual não se dispute, e por conseguinte que não seja duvidosa” (Descartes 1979, p. 32; AT VI 8). Sobre a vacuidade das disputas escolásticas para a busca da verdade, ver AT VI 69.

45 Huet (2017, p. 186) deixa neste ponto o *Discours* para endossar o diagnóstico do platonismo da carta prefácio à tradução francesa dos *Principia*. Platão, “seguindo as pegadas de seu mestre Sócrates, confessou francamente nada haver encontrado de certo” (Descartes 2005, pp. 225-227; AT IX, Principes, p. 5).

46 Este momento data do início dos anos 60 quando Huet colabora com a edição do livro de Diógenes Laércio em preparação pelo seu amigo Gilles Menâge. Ver Menâge 1993, pp. 145-146.

diversas escolas apresentadas por Diógenes Laércio, “[a] doutrina de Arcesilau, de Carnéades e de Pirro me agradou bastante e julguei que eles haviam conhecido melhor a natureza do espírito humano do que todos os outros filósofos” (Huet 2017 p. 186). Se Huet afasta-se neste ponto da via cartesiana ao encontrar na tradição uma outra – a cética – mais adequada, o espírito inovador cartesiano ainda se faz notar no último passo. Huet discorda de vários pontos da tradição cética antiga e faz-se “autor de [seu] próprio sistema” (Huet 2017 p. 186). Busca assim aliar o antigo e o moderno, segundo ele como Descartes que, apesar da retórica da inovação radical, reformou, entre outros pontos, a dúvida dos antigos ao elaborar a sua própria.

A fraqueza do entendimento humano é mostrada por Huet em uma série de treze provas, várias retomadas do ceticismo antigo, três inspiradas em argumentos ou doutrinas cartesianas. A prova que Huet considera a mais importante de todas é o problema da representação (“véu das ideias”) decorrente da dificuldade em fundamentar a adequação às coisas externas das ideias chamadas de adventícias por Descartes no início da Terceira Meditação (Descartes 2004, p. 75; ATVII 37). “O homem não pode conhecer com uma certeza perfeita e inteira se um objeto exterior corresponde exatamente à sua ideia impressa nele” (Huet 2017, p. 191). Huet nega a existência de ideias inatas (*Traité*, II, cap. 3) e associa elementos da crítica de Descartes às ideias que normalmente julgamos adventícias com o modelo mecânico-fisiológico da percepção que Descartes propõe na *Dioptrique* e nas *Passions de l’âme*, apontando fontes de incerteza epistêmica da percepção sensível cuja função precípua para Descartes é prática.⁴⁷

Uma segunda prova que se vale em parte de Descartes é a da incerteza dos argumentos. Sem explicitá-la, Huet deriva consequências céticas da doutrina da criação das verdades eternas.

Uma vez que Descartes acreditou e sustentou que Deus pode mudar a essência das coisas e fazer com que elas não sejam o que elas são ... o número vinte [pode] não ser composto por duas dezenas [e que] um homem não seja um animal racional. (Huet 1723, p. 92).

O argumento não é central pois a incerteza é derivada dos modos pirrônicos de Agripa: todo argumento, em última instância, ou é circular, ou regressa ao infinito ou afirma sem justificação. (cf. Sexto, 1994, I. 164-177).⁴⁸

47 Respectivamente, ATVII 39-40; ATVI 141 e AT XI 336-342.

48 Huet diz que não examina no *Traité* a verdade da doutrina cartesiana da criação das verdades eternas, a

Por outro lado, destaca como prova principal, juntamente com o problema do véu das ideias, “a razão de duvidar de todas as coisas proposta por Descartes”, a saber, o argumento do Deus enganador. “[E]sta dúvida é de enorme importância por impedir nossos espíritos de receber qualquer proposição como certa ... se a razão não recorrer ao auxílio da fé” (Huet 1723, pp. 86-87). O argumento do Deus enganador, sem sua resolução da Terceira Meditação, cumpre exatamente o objetivo último da epistemologia cética de Huet: mostrar a necessidade da fé para se alcançar a certeza metafísica. Huet se vale neste ponto da apropriação cética da dúvida cartesiana feita por Pascal, cujos *Pensées* leu e anotou, notavelmente que – indico em itálico as partes assinaladas por Huet em seu exemplar dos *Pensées* – “as principais razões dos pirrônicos são que não possuímos nenhuma certeza da verdade dos princípios, *fora da fé e da revelação*”, exceto por um sentimento natural que “não é uma prova convincente da verdade [dos princípios] *pois não havendo nenhuma certeza fora da fé se o homem foi criado por um Deus bom ou por um demônio mal ...*”.⁴⁹ A maneira pela qual Huet articula a ausência de uma resposta filosófica à dúvida cartesiana com a fé difere da de Pascal, para quem a força epistêmica do argumento mas sua fraqueza psicológica (não se pode sinceramente entreter tal dúvida) revela uma contradição interna à toda filosofia cuja explicação e resolução só a doutrina sobrenatural cristã da Queda pode fornecer. Huet recusa qualquer consideração filosófica (ainda que crítica) que possa fundamentar ou justificar os mistérios revelados.⁵⁰

Huet tomou ciência da dúvida através de Descartes. Só após conhecer em Caen em 1668 Louis de Cormis, ex-aluno de Gassendi em Aix-en-Provence, é que foi ler as obras pirrônicas de Sexto Empírico.⁵¹ O ceticismo cartesiano de Huet é o principal fundamento de sua rejeição do sistema filosófico cartesiano. As reações dos amigos filósofos Jean-Baptiste du Hamel e Louis le

qual rejeita na *Censura* (1690, p. 173-174).

49 Huet leu a chamada edição de Port-Royal dos *Pensées* (Paris: Guillaume Desprez, 1670). O seu exemplar está preservado na BNF (m. 2059 (2)). Embora contemporâneos, não há indicação que Huet tenha conhecido Pascal pessoalmente. Pertenciam a círculos intelectuais rivais: o primeiro ao jesuíta-erudito, o segundo ao jansenista-cartesiano.

50 Para mais detalhes sobre a recepção e uso de Pascal por Huet, ver Maia Neto e Popkin (1995) e Maia Neto (2006).

51 Ver carta de Huet a Ménage de 15 de abril de 1662 (BNF N.A.F. 1341, fol. 106) e Huet 1718, 229-230. Cormis era correspondente de Gassendi (ver Gassendi 2004, vol. I, pp. 296-297). Como as aulas sobre a filosofia aristotélica deste último em Aix-en-Provence na época em que Cormis era estudante na mesma universidade incluíam Sexto Empírico, foi provavelmente via Gassendi que Cormis conheceu os escritos de Sexto.

Valois à primeira versão manuscrita do que viria a ser publicado décadas depois como o *Traité Philosophique* mostram que a adoção por Huet da dúvida cartesiana – sem sua resolução – foi o que mais incomodou esses primeiros leitores.⁵² O ceticismo que ela promove – juntamente com os demais argumentos céticos relacionados – foi a causa da recusa pelo censor da Sorbonne Edme Pirot da publicação do livro.⁵³ Huet foi crítico das doutrinas cartesianas, mas defensor da dúvida de Descartes, aspecto que mais causou polêmica na época, como atesta o decreto de 28 de outubro de 1691 que proíbe o ensino da filosofia cartesiana na França (cf. Schmaltz 2002, pp. 217-218). Ao Huet “censor” de Descartes, propagado desde o século XVIII, é preciso acrescentar o Huet censurado filosoficamente por adotar a dúvida cartesiana.⁵⁴

IV. FOUCHER E BAYLE

Simon Foucher (1644-1696) e Pierre Bayle (1647-1706) formam com Huet a tríade cética francesa do final do século XVII. Os três reconstróem o ceticismo antigo no novo contexto filosófico moderno, fortemente marcado pelo cartesianismo. Todos propõem, como Pascal, uma articulação entre o cristianismo e versões do ceticismo moderno mais (Bayle) ou menos (Foucher) radicais do que a de Huet. As formas dessa articulação, que dependem não só do tipo de ceticismo que formulam como da concepção do cristianismo que adotam, são também distintas e, no caso de Huet e Foucher, até opostas.

52 As cartas de Le Valois e Du Hamel a Huet nas quais comentam e criticam o ceticismo do bispo foram publicadas por Rapetti 2003 (respectivamente, pp. 73-81 e 172-196). Jean-Baptiste Du Hamel, secretário da Academia de Ciências de Paris, buscava uma combinação eclética entre a filosofia antiga (aristotélica) e a moderna (gassendista e cartesiana). Ver Rapetti 2003, pp. 143- 169. Louis le Valois era um jesuíta que argumentou ser a física cartesiana contrária ao mistério da eucaristia. Ver Rapetti 2003, pp. 51-71.

53 Ver a carta de Pirot a Huet de 1 de maio de 1692 (BNF Ms Fr 15189, fol. 406-410).

54 Como indicado, Régis respondeu à *Censura* em 1691. Um dos seus principais esforços é minimizar o papel da dúvida na filosofia cartesiana. Neste passo, paradoxalmente, é Régis e não Huet quem mais se alinha ao âmago do decreto. Huet deixou inédita uma tréplica detalhada (BNF Ms Fr 14703) mas incluiu algumas de suas respostas a Régis na edição de 1694 da *Censura*. Sua última palavra sobre o cartesianismo foi uma sátira ficcional originalmente publicada em 1692 sobre a vida de Descartes na Suécia (após a sua “morte” oficial que teria sido somente uma encenação de Descartes e do embaixador francês na Suécia Chanut, com quem Huet também conviveu durante sua estadia em Estocolmo) e na Lapônia (para onde teria fugido e estabelecido sua “seita”), publicada sob o pseudônimo de G[illes] d’A[unay].

Na mesma ocasião em que Huet recebia as críticas de Du Hamel e Le Valois ao que viria a ser o *Traité Philosophique* e enfáticos conselhos para desistir de publicá-lo,⁵⁵ Foucher escreve-lhe uma carta na qual o exorta a realizar a “promessa” de mostrar, supostamente firmada no prefácio da *Demonstratio Evangelica*, cito o prefácio, “que a filosofia que considera incerto e que duvida de tudo o que se apreende pelos sentidos e pela razão é menos oposta ao cristianismo do que supõe o vulgo” (Huet 1722, p. 5).⁵⁶ Foucher torna pública esta exortação ao repeti-la em sua *Apologie pour les académiciens* (1686, p. 36) a qual é amplamente difundida por Bayle ao destacá-la em sua *Nouvelles de la République des Lettres*, aproveitando-se de uma alusão à *Apologie* de Foucher na resenha de um livro de terceiro (Bayle 1686, p. 558). A alusão de Bayle a uma digressão sobre um suposto projeto de Huet contida em um livro de Foucher que sequer era o objeto da resenha sinaliza uma contrapressão dos dois céticos franceses no sentido da publicação da obra cética do bispo, de cuja existência tinham muito provavelmente notícia via terceiros, pois o bispo comunicou sua existência somente a amigos mais próximos, e a cujo conteúdo jamais tiveram acesso. Como indicado, a publicação foi póstuma e Huet, embora mais velho, faleceu bem depois de Foucher e Bayle.⁵⁷

Diferentemente de Bayle que, calvinista exilado em Roterdã, não tinha contato direto com o bispo, o abade Foucher tornou-se amigo de Huet após esse tomar conhecimento da *Critique de la Recherche de la Vérité* [de Malebranche] (1675) que apreciou e utilizou no seu argumento do véu das ideias.⁵⁸ Huet tentou encontrar trabalho como preceptor para Foucher,⁵⁹ pediu que

55 Ver carta de Charles de la Rue a Huet de 1685 publicada por Rapetti 2003, pp. 81-82.

56 Ao afirmar que Huet fez uma “promessa”, Foucher força uma leitura de uma passagem na qual Huet diz apenas que o tema foge ao escopo da obra: “Verum haec alias, neque enim locus patitur, neque res, ut plura congeram” (1722, p. 6). Ver carta de Foucher a Huet de 13 de junho de 1685 citada por Rapetti 2003, pp. 134-135.

57 Na correspondência de Bayle e na entre Huet e Foucher não há indicação que tivessem tido acesso ao manuscrito. As respectivas obras céticas apresentam concordâncias somente muito gerais com o *Traité*, também não indicando familiaridade com o texto. Há, entretanto, indícios, além da publicação da “promessa” justamente quando o manuscrito do bispo fica pronto, que sabiam da elaboração da obra.

58 Carta de Huet a Nicaise de 25 de julho de 1697, citada por Rapetti 2003, p. 112n. Sobre a rejeição de Malebranche por Huet, ver Lennon 2003.

59 Carta de Huet a Nicaise de 24 de agosto de 1685, manuscrito “Correspondence de Nicaise” preservado na BNF, FR9359, fol. 103. A tentativa malogrou-se devido ao temperamento difícil de Foucher. Ver carta de Huet a Nicaise de 25 de julho de 1697 in Cousin 1841, vol. I, p. 218.

preparasse uma tradução de sua *Demonstratio Evangelica*, e apoiou o projeto de defesa dos cétricos acadêmicos.⁶⁰ Foucher enviou um manuscrito da *Apologie des Académiciens* a Huet a pedido desse último cujo apoio diz ter sido decisivo para anima-lo a publicar uma obra que se tornou necessária desde que Desgabets incluiu em sua *Critique de la Critique* [de Foucher] um ataque aos novos acadêmicos.⁶¹ A expectativa de Foucher era que sua *Apologie* iria ao encontro da afirmação do bispo no Prefácio da *Demonstratio* acima indicada. Entretanto, Huet se decepcionou com a leitura do manuscrito, discordando, com razão, da defesa da interpretação agostiniana da unidade da Academia pela atribuição de um esoterismo platônico aos novos acadêmicos (cf. Foucher 1688, pp. 38-72; Agostinho, C Ac, III. 37-41). Huet também discordou, neste ponto com menos razão, da distinção desses dos pirrônicos.⁶²

Apesar do interesse comum pelo ceticismo antigo e da influência decisiva da dúvida cartesiana, Huet e Foucher divergem em pontos fundamentais. Contrariamente a Huet, Foucher é filosoficamente oriundo do círculo cartesiano.⁶³ Surgiu na república das letras com a primeira crítica à *Recherche de la Vérité* de Malebranche, a *Critique de la Recherche de la Vérité*. Colocando-se como um acadêmico (o livro é uma *lettre par un Académicien*), afirma que o rigor na busca da verdade, renovada por Descartes,⁶⁴ caracteriza a filosofia acadêmica. Esta maneira de filosofar pauta-se pela estrita observação da evidência intelectual, rejeita toda pressuposição, verossimilhança ou probabilidade no âmbito da filosofia, aceitando somente demonstrações.⁶⁵ Foucher

60 Carta de Foucher a Huet de 13 de junho de 1685 in Rapetti 2003, p. 133.

61 Carta de Foucher a Huet de 13 de junho de 1685 in Rapetti 2003, pp. 134-134. Ver Desgabets 1675, pp. 7-16.

62 Carta de Huet a Nicaise de 25 de julho de 1697 in Rapetti 2003, p. 112n. Sobre a interpretação de Huet dos cétricos antigos (acadêmicos e pirrônicos), ver Charles 2013.

63 Segundo Baillet 1691, II, p. 439, Foucher teria feito o discurso na ocasião da transferência dos restos mortais de Descartes da Suécia para Paris a pedido do líder dos cartesianos na época Jacques Rohault. Watson (1966, p. 14) duvida da informação baseado no fato de Foucher não se referir ao suposto discurso em nenhuma de suas obras, o que seria esperado por sempre expressar, apesar das críticas, grande admiração por Descartes. A conexão com Rohault é sugerida pelas várias referências ao mesmo, inclusive a conversas pessoais (1675, p. 77; 1688, pp. 69 e 88; 1693, pp. 68-70).

64 A expressão "busca da verdade" aparece nos títulos completos do *Discours*, das *Regulae* e no diálogo ainda não traduzido para o português *Recherche de la Vérité*.

65 Entre as passagens do *corpus* cartesiano que rejeitam a probabilidade ou verossimilhança no âmbito da

esquiva do pedido de Huet de traduzir a *Demonstratio Evangelica* alegando ter ouvido dizer que um outro *savant* já estava empenhado na tarefa (cf. carta de Foucher a Huet citada por Rapetti 2003, p. 133). Entretanto, sua não realização pode estar relacionada ao fato da obra apresentar somente uma disposição das matérias *more geometrico* e não rigorosas demonstrações.

Segundo Foucher, Malebranche desrespeita reiteradamente estas regras, por exemplo em sua teoria das ideias (a visão em Deus). É evidente somente que ideias são modificações da mente de maneira que o princípio de integridade intelectual proíbe a afirmação filosófica da existência de um mundo material externo à mente.⁶⁶ A colocação em dúvida das coisas materiais sensíveis, em contraposição à maior certeza das realidades inteligíveis como argumentado por Descartes na Segunda Meditação, constitui, segundo Foucher, o principal ensinamento da filosofia acadêmica.⁶⁷ Embora reconhecendo a dificuldade de atribuir caráter demonstrativo aos argumentos que visam estabelecer a imortalidade da alma e a existência de deus, argumentos que retoma de Agostinho com influência de Descartes (Foucher 1688, pp. 123-138), Foucher adota a perspectiva cartesiana de que o ceticismo sobre as coisas materiais abre um caminho metafísico de acesso às verdades inteligíveis a partir da existência da mente. Huet é pessimista nesse ponto, considerando intransponível o “cárcere” da alma determinado pelo corpo. Essas provas metafísicas não exemplificam, segundo Huet, a certeza máxima ao alcance da natureza humana, a matemática, por sua vez já limitada, pois está aquém da certeza da fé (Huet 1723, pp. 16-21).⁶⁸ Assim, enquanto Foucher enfatiza as funções metodológica e metafísica da dúvida cartesiana, Huet radicaliza a função epistemológica argumentando a incapacidade da razão em dar qualquer passo dotado de certeza metafísica além da própria dúvida.

filosofia especulativa, admitindo-se somente o que for evidente e demonstrativo, destacam-se a carta dedicatória das *Meditationes* à Faculdade de Teologia da Sorbonne (AT VII 1-4), além das próprias Meditações I-V, especialmente a chancela teológica do princípio de integridade intelectual na Quarta Meditação (AT VI, 58), a Regra II (AT X 362) e o *Discours* (AT VI 8, 18, 31).

66 Segundo Foucher (1688, pp. 110-114; 1693, p. 70, p. 113) Descartes desrespeita a sua própria regra da evidência (AT VI 18) ao afirmar a existência do mundo exterior na Sexta Meditação (AT VII 79-80).

67 Na *Apologie* (1688, pp. 110-114), Foucher concorda com a certeza do *cogito* de Descartes. Já na *Histoire* (1693, p. 92), publicada após a *Censura* de Huet, reproduz a crítica do bispo que o argumento é circular.

68 Há, no entanto, a semelhança de ambos rejeitarem a teologia cristã especulativa racionalista do tipo de Malebranche. Ambos situam-se, na questão da relação entre filosofia e teologia, mais próximos de Descartes do que o “cartesiano” Malebranche.

A diferença na recepção da dúvida cartesiana repercute na avaliação que fazem de Descartes. Ambos, como Leibniz, criticam a retórica da originalidade do autor das *Meditationes*, apontando suas fontes antigas (Foucher 1688, pp. 114-116; Huet 1689, pp. 201-220), e afirmam que Descartes não conseguiu evitar a precipitação que condenava, mas, contrariamente a Huet, Foucher concorda com o projeto metafísico de Descartes (embora não com a sua realização). Uma das razões do fracasso de Descartes estaria, ainda segundo Foucher, na doutrina da criação das verdades eternas, o que “arruína o seu sistema” ao colocar em dúvida metafísica os princípios da razão (Foucher 1693, pp. 197-200). Como observado na seção anterior, Huet se vale dessa doutrina em uma de suas provas da fraqueza do entendimento. Os ceticismos de ambos também se distinguem. Huet diz afastar-se dos cétricos ao afirmar que o homem não pode conhecer com certeza a verdade (Huet 1723, pp. 209-212), ao passo que a busca da verdade é a característica essencial do método de filosofar dos acadêmicos segundo Foucher. Enfim, ambos afirmam que o fim imediato do ceticismo é evitar erros, mas os fins religiosos últimos que acrescentam a esse secular são bem distintos: o de Huet é o reconhecimento da fraqueza da razão para submissão à fé, Foucher flerta com a possibilidade de uma religião natural.⁶⁹

Bayle conheceu Huet em Paris em uma reunião de *savants* pouco antes de ser obrigado a fugir para a Holanda em decorrência do aumento da perseguição aos calvinistas na França.⁷⁰ Na sua correspondência, revela admiração pela erudição do bispo e interesse em sua produção intelectual.⁷¹ Como indicado acima, publicou nas *Nouvelles de la République des Lettres* a afirmação de Foucher na *Apologie des Académiciens* que Huet teria um projeto de conciliar o ceticismo com o cristianismo. No *Project d'un Dictionnaire Critique*, que anuncia o plano e oferece uma amostragem da sua obra magna, defende o conhecimento histórico fazendo alusão a uma outra passagem do Prefácio da *Demonstratio Evangelica* na qual Huet observa que os cétricos duvida-

69 Segundo Foucher (1688, pp. 12-16), o confucionismo, assim como o cristianismo, estaria de acordo com a maneira acadêmica de filosofar. Para uma análise detalhada da contraposição das filosofias de Huet e Foucher, ver Rapetti 2002, pp. 119-132 e Hickson 2018. Sobre a medida do cartesianismo que atribuo a Foucher, ver Maia Neto 2003.

70 Carta 102, de Bayle a Louise Marcombes, de 1 de julho de 1675 in Bayle 2017, vol. II.

71 Informa-se dessa produção através de amigos comuns com os quais corresponde, principalmente Ménage, Nicaise e Graevius. Por exemplo, diz que a leitura da *Censura* lhe propiciou “muita satisfação” (carta 736 a Gilles Ménage de 21 de novembro de 1689 in Bayle 2017, vol. VIII).

vam dos princípios da geometria, embora reconhecessem os *dictati naturae* que regem a vida comum, notavelmente o saber histórico (Bayle 1692, parte IX, não paginada; Huet 1722, p. 4).⁷² Entre a publicação do *Project*, um exemplar do qual envia via Nicaise a Huet,⁷³ e a primeira edição do *Dictionnaire*, escreve a uma amiga comum que “sentirá um prazer incrível” ao fazer, no *Dictionnaire*, “o mais belo elogio jamais feito a um prelado da igreja galicana”.⁷⁴

Embora o *Dictionnaire* contenha algumas referências a obras de Huet, três das quais elogiosas,⁷⁵ não há nada nem remotamente próximo à tamanho elogio. Sem dúvida, um dos pontos altos que fizeram a fama do *Dictionnaire* é a nota B do artigo “Pirro”, tanto por destacar a crise céptica estabelecida na filosofia moderna como por radicalizar – de maneira jamais feita – a contraposição entre os mistérios cristãos e os princípios da razão. Se o primeiro ponto foi fundamental no ceticismo de Hume e outros levando ao desenvolvimento do idealismo alemão, o segundo foi central no desenvolvimento do ceticismo religioso característico do iluminismo. Minha hipótese é que o grande elogio a Huet foi feito na criação da figura do abade filósofo, protagonista dessa nota B, que argumenta, em contraposição à afirmação de um abade rotineiro que o cristianismo teria abolido o ceticismo, que a nova filosofia (tanto em sua matriz cartesiana como na gassen-dista) e o cristianismo tornaram o ceticismo mais robusto do que jamais fora na antiguidade.

O abade filósofo mostra, citando justamente Foucher (1675), que a filosofia moderna fortalece o ceticismo em relação aos sentidos ao mostrar que o objeto direto da percepção é a ideia, uma modificação da mente, e não algo externo, cuja existência fica assim posta em dúvida. O cristianismo, por sua vez, fortalece o ceticismo em relação à razão. Os mistérios do cristianismo – aceitos como verdadeiros pelos católicos, crucialmente pelo abade rotineiro, pois trata-se também de um argumento *ad hominem* – implicam, se não a rejeição do mais robusto critério de verdade já proposto, a evidência, ao menos sua problematização, pois a aceitação dos mistérios

72 A fonte de Huet é o *Contra os Geômetras* de Sexto Empírico.

73 Carta de Nicaise a Huet de 29 de julho de 1692 in Nicaise 1889, p. 16.

74 Carta 975 de Bayle a Madame Blondel de Tilly de março de 1694 in Bayle 2017, vol. IX.

75 Verbetes “Bochart”, nota D (sobre o poema de Huet relatando a viagem com Bochart à Suécia); “Zenão”, nota D (sobre a crítica à geometria no prefácio da *Demonstratio Evangelica*); e “Longus” (sobre uma crítica de Huet à obra do autor grego objeto do verbete). No verbete “Leucipo”, nota B, Bayle cita várias vezes a *Censura* de forma neutra mas deixa implícita sua insatisfação com a insistência de Huet em criticar a originalidade de Descartes.

que põem em questão princípios lógicos evidentes é fundamentada na evidência de que o que deus revela é verdadeiro. Cabe notar que Huet insiste muito sobre o problema do critério, tanto no *Traité Philosophique* como na *Censura* (obra que, como indicado, Bayle leu e apreciou), onde retoma em detalhes os argumentos de Sexto (PH II.18-79 e 2005) contra um critério de verdade, aplicando-os à clareza e distinção de Descartes (Huet 1689, pp. 44-68).⁷⁶

A doutrina da criação continuada, que o abade filosófico atribui à teologia, mas que também compõe a metafísica cartesiana e que Huet retoma no *Traité* numa leitura cética, coloca em dúvida a identidade pessoal: como o abade rotineiro pode saber que é o mesmo abade que recebeu sua abadia e não que Deus tenha criado uma “outra alma modificada como era a sua?” (Bayle 2007, p. 157). O mistério da trindade falsifica a evidência de que são idênticas duas coisas idênticas a uma terceira. O da encarnação indica que a união de um corpo humano com uma alma racional não é suficiente para formação de uma pessoa. O da eucaristia mostra que um mesmo corpo pode estar em vários lugares ao mesmo tempo. O da transubstanciação destrói a lógica modal, pois implica que acidentes podem existir na ausência da substância que modificam. Os dogmas do pecado original e da queda, enfim, eliminam toda evidência no campo da moral (Bayle 2007, pp. 154-156).⁷⁷

Bayle em nenhum momento diz que o debate é ficcional. Relata ter sido informado do mesmo por um terceiro, testemunha do diálogo entre dois abades, um filósofo, outro rotineiro. Ora o livro filosófico de Huet foi escrito na abadia de Aulnay quando ainda era o abade (o texto já está pronto quando Huet é nomeado bispo em novembro de 1685).⁷⁸ O texto original é justamente um diálogo ficcional (embora alimentado por um intercâmbio real) entre o abade filósofo

76 No *Traité*, Huet também retoma a problematização pirrônica do critério de verdade (cap 8 do livro I) e no capítulo seguinte “disputa contra a evidência”, mas neste ponto não se vale dos mistérios, mas do argumento do sonho.

77 Para a maioria dos leitores de Bayle, do contemporâneo de Bayle Le Clerc, passando por Voltaire e demais *philosophes*, até Mori 1999, apesar de Bayle afirmar que o conflito entre mistérios e razão coloca em dúvida essa última, o que de fato pretende é colocar em dúvida os mistérios cristãos. Esta interpretação majoritária é combatida por, entre outros, Popkin (2003 pp. 288-301). Uma ótima síntese das diversas interpretações de Bayle é feita por Laursen 2018.

78 A nomeação foi assinalada por Bayle na *Nouvelles de la République des Lettres* em junho de 1686, pp. 694-695.

Huet e um outro religioso, o oratoriano Jean-Baptiste du Hamel.⁷⁹ Huet surpreende os amigos (e após a publicação da *Censura*, a república das letras) ao mostrar-se não somente o erudito já célebre, mas filósofo,⁸⁰ e trata justamente de convencer seu interlocutor religioso católico da afinidade e utilidade do ceticismo para o cristianismo. Embora também filósofo, Du Hamel é tão contrário à tese de Huet como o abade rotineiro da nota B. Note-se que nesta versão original do *Traité Philosophique*, o tema é trazido a baila por Du Hamel justamente aludindo à afirmação paradoxal de Huet (destacada por Bayle nas *Nouvelles*) no prefácio da *Demonstratio*. Embora no artigo “Pirro” do *Dictionnaire* não seja o abade filosófico quem defenda a utilidade do ceticismo para a fé, argumentada na nota C por um “savant théologien” supostamente também presente no debate, a articulação defendida é, em linhas gerais, a mesma proposta por Huet no *Traité*: o ceticismo limita a razão facilitando uma aceitação fideísta da verdade revelada.

O fideísmo bayliano é, entretanto, bem mais radical do que o huetiano. Como Bayle, Huet também mostra a limitação que os mistérios estabelecem para a razão, sinalizando assim a fraqueza desta última (Huet 1723, p. 185 e pp. 278-285). Entretanto, Huet não estende o questionamento da evidência para assuntos externos à revelação. Diferentemente de Huet que, embora considere a certeza da fé superior à da razão, busca estabelecer uma “concordia rationis et fidei”, Bayle radicaliza a oposição antecipando a noção kierkegaardiana de “salto da fé”: quanto mais contrária à razão, maior a extensão do salto e, portanto, mais meritória a fé.⁸¹

Não sabemos como Huet reagiu ao artigo “Pirro” do *Dictionnaire*. A obra magna de Bayle não consta no inventário da biblioteca do bispo. Sabemos, entretanto, que Huet ao menos folheou os dois grossos volumes *in folio* da primeira edição. É o que relata a Graevius, amigo e correspondente dos dois céticos. Elogia a erudição, a escrita e as “reflexões engenhosas”, mas Bayle não deveria ter se ocupado tanto em apontar erros de Moreri e deveria ter se direcionado somente aos eruditos (cf. Avenel 1853, p. 241). Juízo semelhante transparece na resposta de Nicaise (outro correspondente comum) à mesma crítica de Huet ao *Dictionnaire*. Nicaise atribui a

79 Filósofo autor de vasta obra e secretário da Académie Royale des Sciences, o perfil de Du Hamel não corresponde ao do abade rotineiro, o que pode ser explicado ou pelo conhecimento somente parcial por Bayle desta ficção original de Huet ou por uma escolha ficcional de Bayle que busca acentuar o contraste das perspectivas.

80 Ver carta de Du Hamel a Huet de 24 de julho de 1689 in Rapetti 2003, p. 171.

81 Ver “Pirro”, nota C e principalmente o “Eclaircissement sur les Pyrrhoniens”.

busca por Bayle de um público maior à necessidade econômica.⁸² Com efeito, contrariamente a Huet, Bayle sempre teve dificuldades econômicas que aumentaram quando, por razões políticas e religiosas, rompe com o líder fanático da comunidade calvinista francesa na Holanda Pierre Jurieu que passa a persegui-lo.⁸³

O *Dictionnaire* tem dois eixos históricos-críticos: o erudito mais propriamente histórico e o filosófico mais propriamente crítico. Se o primeiro decepcionou Huet, o segundo constitui, já na virada do século “o arsenal do iluminismo”, entre outras razões, por mirar um público mais amplo do que os eruditos. É interessante ressaltar que a crítica de Huet que conhecemos restringe-se ao aspecto erudito. Teria Huet lido a nota B nas poucas horas durante as quais folheou o *Dictionnaire* como diz a Greavius? Ou se não neste momento, posteriormente n’algum outro exemplar (pois aparentemente não dispunha de um)? Certamente teria curiosidade pelo artigo e pelas notas e certamente concordaria em parte e talvez se visse como inspirador do abade filosófico. Mas não divulgaria sua satisfação, afinal o ceticismo do abade filosófico de Bayle foi logo denunciado por um pseudo abade católico (de fato Jurieu) e neste momento Huet ainda deseja ver o seu *Traité* publicado sob pseudônimo.⁸⁴ Curiosamente, esta tentativa é feita com Leers, editor e muito amigo de Bayle em Roterdã, após a morte desse último (cf Rapetti 1999, p. 245n). A reação negativa ao abade “pirrônico” da nota B, que obrigou Bayle a publicar um esclarecimento sobre a questão na segunda edição da obra em 1702, pode inclusive ter contribuído para a reserva de Huet tanto em relação ao artigo Pirro como em relação ao seu próprio *Traité Philosophique*, influenciando sua decisão final de só publica-lo após a morte. Ironicamente, fracassando a tentativa de publicação com Leers (provavelmente por causa do falecimento do editor de Bayle em 1714), o *Traité* foi enfim publicado por Du Sauzet em Amsterdã graças ao alto

82 “É muito justo o que dizeis, senhor, do *Dicionário* do senhor Bayle: ele era capaz de coisas maiores, mas ele não é rico ... e descobriu a vantagem para si e para o editor deste objetivo de fazer as correções [no *Dicionário* de Moreri]. Por esta razão [econômica] a maioria das obras publicadas são mais ao gosto dos editores do que dos autores”. Carta de Nicaise a Huet de 1 de agosto de 1697 in Nicaise 1889, p. 36.

83 Jurieu, que apoiava Bayle na França e inicialmente no exílio, tornou-se seu principal opositor após a elaboração por Bayle de uma defesa da tolerância religiosa e sua oposição à rebelião dos protestantes franceses (defendida por Jurieu) contra Louis XIV. Sobre a polêmica com Jurieu, ver Labrousse 1963, pp. 207-217 e pp. 226-234.

84 Ver carta de Claude Brossete a Huet de 1 de abril de 1712 publicada por Pélissier 1889, pp. 45-46.

valor monetário do *Dictionnaire* na França, onde era proibido. O manuscrito foi adquirido pelo editor junto a um sobrinho de Huet em troca de 3 exemplares da obra prima de Bayle.⁸⁵ Assim é que a obra filosófica cética do provável modelo do abade filósofo da nota B do artigo “Pirro” do *Dictionnaire* foi publicada somente 26 anos após esse último, quando teve certa importância nas discussões epistemológicas do iluminismo, embora significativamente menor do que a de Bayle e seu abade cético.

Bibliografia

AGOSTINHO DE HIPONA (2008). *Contra os Acadêmicos*. Tradução Frei Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulos.

ARNAULD, A. (1775). *Oeuvres*. 30 volumes. Lausanne: Sigismond d’Arnay.

AVENEL, J. (1853). *Histoire de la Vie et des Ouvrages de Pierre-Daniel Huet évêque d’Avanches*. Mortain: A. Lebel.

BAILLET, A. (1691). *La Vie de Monsieur Descartes*. 2 vols. Paris: Daniel Horthemels.

BAYLE, P. (1686). [Resenha de] Louis Thomassin, *La Méthode d’étudier & d’enseigner Chrétienement & solidement la Philosophie par rapport à la Religion Chrétienne & aux Ecritures* (1685), *Nouvelles de la République des Lettres*, maio, p. 552-567.

_____. (1692). *Projet et fragments d’un Dictionnaire Historique*. Roterdã: Rainier Leers.

_____. (1969). *Dictionnaire Historique et Critique*. 16 vols. Geneva: Slatkine Reprints [1ª. edição, Roterdã: Rainier Leers, 1697].

_____. (1981). “Pirro”, tradução Plínio Junqueira Smith, *Sképsis* 2: 149-169.

_____. (2017). *Correspondance*. 15 vols. Editadas por E. Labrousse, A. McKenna et al. Voltaire Foundation at the Taylor Institute, Oxford University. Disponível on line pela Universidade de Saint-Etienne, França, <http://bayle-correspondance.univ-st-etienne.fr/?lang=fr>, acessado em 11/06/2018.

BELGIOIOSO, G. (1999). *La Variata Immagine di Descartes: gli itinerari della metafisica tra Parigi e Napoli* (1690-1733). Lecce: Milella.

BORGHERO, C. (2001). “Cartesius Scepticus. Aspects de la querelle sur le scepticisme de Descartes dans

85 A informação foi colhida por Rapetti em carta de Olivet—amigo próximo de Huet no final de sua vida, a Le Clerc (ver Rapetti 1999, p. 240).

la seconde moitié du XVIIe siècle". In: MOREAU, P-F. (Org.), *Le scepticisme au XVIe et au XVIIe siècle*. Paris: Albin Michel. p. 391-406.

BOUILLIER, F. (1970). *Histoire de la Philosophie Cartésienne*. 2 volumes. Geneva: Slatkine Reprints [1a. edição, Paris: Durand, 1854].

CAMPELO, W. H. P. (2018). *Razão e sentimento no livro I do Tratado de David Hume: uma leitura cética acadêmica*. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG em 23/11/2018.

CHARLES, S. (2013). "Pierre-Daniel Huet's Reading of Skepticism", *Science & Esprit* 65: 299-309.

_____. (2014). "Évidence, Vraisemblance et Vérité selon Huet: le cartésianisme en question". In: SCHANDELER, J-P.; VIENNE-GUERRIN, N. (Orgs.), *Les Usages de la Preuve: d'Henri Estienne à Jeremy Bentham*. Paris: Hermann.

CHARRON, P. (1986). *De la Sagesse*. Corpus des Œuvres de Philosophie en Langue Française. Paris: Fayard [1a. edição, Bordeaux: Simon Millanges, 1601].

COUSIN, V. (1841). *Oeuvres*. Vol. II. Bruxelles: Societé Belge de Librarie.

CROUSAZ, J-P. (2004). *Examen du Pyrrhonisme Ancien et Moderne*. 2 vols. Corpus des Œuvres de Philosophie en Langue Française. Paris: Fayard [1a. edição, La Haya: P. de Hondt, 1733].

DELATER, J. A. (2002). *Translation Theory in the Age of Louis XIV. The 1683 Optimo genere interpretandi of Pierre-Daniel Huet (1630-1721)*. Manchester: Jerome Publishing.

DESCARTES, R. (1979). "Discurso do Método", etc. in *Descartes*, col. Os Pensadores. São Paulo: Abril (2ª. ed.).

_____. (1996). *Œuvres*. 11 volumes. Editadas por Charles Adam e Paul Tannery. Paris: J. Vrin [1a. edição 1896].

_____. (2004). *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Edição em latim e em português. Tradução, nota prévia e revisão de Fausto Castilho. Campinas: Editoria Unicamp.

_____. (2005). "Carta-Prefácio aos Princípios da Filosofia". Tradução Alexandre Guimarães, *Educação e Filosofia* 19: 215-255.

DESGABETS, R. (1675). *Critique de la Critique de la Recherche de la Vérité, où l'on découvre le chemin qui conduit aux connaissances solides*. Pour servir de réponse à la Lettre d'un académicien. Paris: Jean Du Puis.

FOUCHER, S. (1675). *Critique de la Recherche de la Vérité, où l'on examine en même-tems une partie des Principes de M. Descartes*. Lettre, par un Académicien. Paris: Martin Coustelier.

_____. (1686). *Dissertation sur la Recherche de la Vérité contenant l'Apologie des Académiciens, où l'on fait voir que leur manière de philosopher est plus utile pour la religion, & la plus conforme au bon*

sens. Pour servir de Réponse à la *Critique de la Critique*. Avec plusieurs remarques sur les erreurs des sens & sur l'origine de la philosophie de Monsieur Descartes. Paris: Estienne Michallet.

_____. (1688). *Lettre sur la Morale de Confucius, Philosophe de la Chine*. Paris: Daniel Horthemels.

_____. (1693). *Dissertations sur la Recherche de la Vérité contenant l'Histoire et les Principes de la Philosophie des Académiciens*. Avec plusieurs réflexions sur les sentimens de M. Descartes. Paris: Jean Anisson.

GASSENDI, P. (1658). *Opera omnia*. 6 vols. Lyon: L. Anisson.

_____. (1962). *Disquisitio Metaphysica seu Dubitationes et Instantiae adversus Renati Cartesii Metaphysicam et Responso*. Edição bilíngue latim/francês, tradução e notas de Bernard Rochot. Paris: J. Vrin.

_____. (2004). *Lettres Latines*. 2 vols. Tradução Sylvie Taussig. Turnhout, Bélgica: Brepols.

GIOCANTI, S. (2001). "La Mothe Le Vayer et la Pratique du Doute", *La Lettre Clandestine* 10: 31-42.

GUEROULT, M. (1984). "Huet ou le Renversement du Refus Cartésien: rejet de la philosophie rationnelle dogmatique par et pour la tradition philosophique". In: GUEROULT, M., *Histoire de l'histoire de la philosophie en Occident*. Des origines jusqu'à Condillac. Paris: Aubier, cap. 9, p. 207-223.

HICKSON, M. W. (2018). "Varieties of Modern Academic Skepticism: Pierre-Daniel Huet and Simon Foucher". In: MACHUCA, D; REED, B. (Orgs.), *Skepticism*. From Antiquity to the present. Londres e Nova York: Bloomsbury Academic, p. 320-341.

HUET, P-D. (1689). *Censura philosophiae cartesianae*. Paris: Daniel Horthemels.

_____. (1690). *Alnetanae Quaestiones de Concordia Rationis et Fidei*. Caen: J. Cavelier.

_____. (1692). [M. G. de l'A] *Nouveaux Mémoires pour servir à l'histoire du cartésianisme*. Utrecht: G. Van der Water.

_____. (1718). *Commentarius de rebus ad eum pertinentibus*. Amsterdã: Du Sauzet.

_____. (1722). *Demonstratio Evangelica*. Sexta editio ab auctore recognita, castigata, et amplificata. Francofurti: Sumptibus Thomae Fritschii [1a. edição Paris: S. Michallet, 1679].

_____. (1723). *Traité Philosophique de la Foiblesse de l'Esprit Humain*. Amsterdã: Du Sauzet.

_____. (2017). "Tratado Filosófico da Fraqueza do Espírito Humano (Índice, Prefácio, Livro I.1, 3, 15, Livro II, Livro III.17)", tradução Flávio Loque, *Sképsis* 15: 179-217.

HUME, D. (1970). *Dialogues Concerning Natural Religion*. Edited and with commentary by Nelson Pike. Indianapolis: Bobbs-Merrill.

_____. (1999). *Uma Investigação sobre o Entendimento Humano*. Tradução José Oscar de Almeida. São Paulo: UNESP.

- _____. (2007). *Carta de um Cavalheiro a seu Amigo em Edinburgo*, tradução Plínio Smith, *Sképsis* 1: 119-128.
- KATZ, D. (1993). "Isaac Vossius and the English Biblical Critics 1670-1689". In: POPKIN, R.; VANDERJAGT, A. (Orgs.), *Scepticism and Irreligion in the Seventeenth and Eighteenth Centuries*. Leiden: Brill, p. 142-184.
- LA MOTHE LEVAYER, F. (1759). *Œuvres*. 14 vols. Dresde: Groeller.
- _____. (2003). *Petit Traité Sceptique sur cette commune façon de parler: 'N'avoir pas le Sens commun'*. Paris: Gallimard [1a. edição, Paris: Augustin Courbé, 1646].
- _____. (2014). *Diálogo sobre o tema da Divindade*. Tradução, introdução e notas de Flávio Loque. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- LABROUSSE, E. (1963). *Pierre Bayle*. Tome I. Du Pays de Foix à la cité d'Erasmus. La Haye: Martinus Nijhoff.
- LAURSEN, J. C. (2018). "Pierre Bayle". In: MACHUCA, D; BARON, R. (Orgs.), *Skepticism*. From Antiquity to the present. Londres e Nova York: Bloomsbury Academic, p. 355-368.
- LENNON, T. M. (2003). "Huet, Malebranche and the Birth of Skepticism". In: PAGANINI, G. (Org.), *The Return of Skepticism from Hobbes and Descartes to Bayle*. Dordrecht: Kluwer, p. 149-165.
- _____. (2005). "The Skepticism of Huet's *Traité Philosophique de la Foiblesse de l'Esprit Humain*". In: BERNIER, M. A. ; CHARLES, S. (Orgs.), *Scepticisme et Modernité*. Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, p. 65-75.
- _____. (2008). *The Plain Truth*. Descartes, Huet and Skepticism. Leiden: Brill.
- LUX, D. S. (1989). *Patronage and Royal Science in Seventeenth-Century France*. The Académie de Physique in Caen. Ithaca and London: Cornell University Press.
- MAIA NETO, J. R. (2003). "Foucher's Academic Cartesianism". In: LENNON, T. (Org.), *Cartesian Views*. Papers presented to Richard A. Watson. Leiden: Brill, p. 71-95.
- _____. (2006). "'As principais forças dos pirrônicos' (La 131) e sua apropriação por Huet", *Kriterion* 47: 237-257.
- _____. (2008a). "Huet n'est pas un sceptique chrétien", *Les Études Philosophiques* 2: 209-222.
- _____. (2008b). "Huet sceptique cartésien", *Philosophiques* 35:1: 223-239.
- MAIA NETO, J. R.; POPKIN, R. H. (1995). "Bishop Pierre-Daniel Huet's Remarks on Pascal", *British Journal for the History of Philosophy* 3:1: 147-160.
- MALBREIL, G. (1994). "*Le Traité Philosophique de la Foiblesse de l'Esprit Humain*, de Feu Monsieur Huet,

- ancien Evêque d'Avranches". In: GUELLOUX, S. (Org.), *Pierre-Daniel Huet, évêque d'Avranches*. Actes du colloque de Caen. Paris: Biblio 17, p. 169-182.
- MALEBRANCHE, N. (1684). *De la Recherche de la Verité, où l'on traite de la nature de l'esprit de l'homme, & de l'usage qu'il en doit faire pour éviter l'erreur dans les Sciences*. Paris: André Pralard.
- MATYTSIN, A. M. (2016). *The Specter of Skepticism in the Age of Enlightenment*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- MÉNAGE, G. (1993). *Lettres Inédites a Pierre-Daniel Huet*. Napoli: Liguori Editore.
- MONTAIGNE, M. (2002). *Os Ensaíos*. 3 vols. Tradução Rosemary C. Abílio. São Paulo: Martins Fontes.
- MORI, G. (1999). *Bayle Philosophe*. Paris: Honoré Champion.
- NAUDÉ, G. (1639). *Considérations Politiques sur les Coups d'État*. Roma: G. N. P.
- NICAISE, C. (1889). *Lettres Inédites de Claude Nicaise a Huet et a G. Bonjour*. Editadas por L-G. Péliissier. Dijon: L'Union Typographique.
- PAGANINI, G. (1997). "Pyrrhonisme tout pur' ou 'circoncis'? La Dynamique du Scepticisme chez La Mothe Le Vayer", *Libertinage et Philosophie au XVIIe Siècle* 2: 7-31.
- PASCAL, B. (1670). *Pensées sur la religion et quelques autres sujets*. Paris: Guillaume Desprez.
- _____. (2014). *Conversa com o Senhor de Sacy sobre Epiteto e Montaigne e outros escritos*. Tradução, introdução e notas Flávio Loque. São Paulo: Alameda.
- PÉLISSIER, L-G. (1889). *Documents annotés V. A Travers les papiers de Huet*. Paris: Léon Téchener.
- PINTARD, R. (1983). *Le Libertinage Érudit dans la Première Moitié du XVIIe Siècle*. Nouvelle édition augmentée d'un avant-propos et de notes et réflexions sur les problèmes de l'histoire du libertinage. Genève: Slatkine [1a. edição, Paris: Boivin, 1943].
- POPKIN, R. H. (2003). *The History of Scepticism from Savonarola to Bayle*. Oxford: Oxford University Press.
- RAPETTI, E. (1999). *Pierre-Daniel Huet: erudizione, filosofia, apologetica*. Milano: Vita e Pensiero.
- _____. (2003). *Percorsi Anticartesiani nelle Lettere a Pierre-Daniel Huet*. Firenze: Leo Olschki.
- _____. (2012). "Res Originis Referre': gli Origeniana di Pierre-Daniel Huet e il loro contesto storico-culturale", *Adamantos* 18: 251-282.
- RÉGIS, P-S. (1691). *Réponse au livre qui a pour titre P. Danielis Huetii, Censurae Philosophiae Cartesianae*. Paris: Jean Cusson.
- SCHMALTZ, T. (2002). *Radical Cartesianism. The French Reception of Descartes*. Cambridge: Cambridge

University Press.

SEXTO EMPÍRICO. (1994). *Outlines of Pyrrhonism*. Tradução Julia Annas e Jonathan Barnes. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. (2005). *Against the Logicians*. Tradução Richard Bett. Cambridge: Cambridge University Press.

SHELFORD, A. G. (2007). *Transforming the Republic of Letters*. Pierre-Daniel Huet and European Intellectual Life 1650-1720. Rochester, NY: University of Rochester Press.

VERBEEK, T. (1992). *Descartes and the Dutch: Early reactions to Cartesian Philosophy, 1637-1650*. Carbondale: Southern Illinois U. Press.

WATSON, R. (1966). *The Downfall of Cartesianism 1673-1712*. A Study of epistemological issues in late 17th century Cartesianism. The Hague: Martinus Nijhoff.

RESUMO

São examinadas as relações pessoais e filosóficas do cético francês da segunda metade do século XVII, Pierre-Daniel Huet, com os principais filósofos seus contemporâneos que apresentaram perspectivas céticas: François de La Mothe le Vayer, Blaise Pascal, Simon Foucher e Pierre Bayle. A longa trajetória intelectual de Huet, aqui resumida do ponto de vista de sua relação com estes filósofos, ilumina a origem da configuração do que é hoje conhecido como ceticismo moderno ou cartesiano.

Palavras-chave Huet, história do cartesianismo, ceticismo, razão e fé

ABSTRACT

The paper is about the personal and philosophical connections between the French skeptic of the second half of the 17th century Pierre-Daniel Huet and the main philosophers who held skeptical views at his time: François de la Mothe Le Vayer, Blaise Pascal, Simon Foucher and Pierre Bayle. Huet's long intellectual life, abridged in the paper from the point of view of his relationship with these philosophers, sheds light on the origin of the epistemological position known today as modern or Cartesian skepticism.

Key words Huet, history of Cartesianism, skepticism, reason and faith